

INTERCÂMBIO: AS DIFICULDADES ENFRENTADAS POR UM INTERCAMBISTA OCIDENTAL NO ORIENTE

Luana Fernandes de Jesus
Leonardo Mèrcher

RESUMO

O Intercâmbio é um exercício cada vez mais praticado entre os estudantes e profissionais de todo o mundo, movimentando a economia mundial, acentuando a troca de culturas e interações sociais causadas, já em larga escala, pelos efeitos da globalização. Associado a esse evento, há ainda a crescente procura pelo Oriente, observada a ascensão abrupta do mercado e da economia japonesa, assim como a prosperidade do indiano e chinês. O Brasil apresenta, cada vez mais, um maior número de profissionais atuando fora do país sendo, em proporções numéricas, um dos países que mais exporta mão de obra qualificada, além dos intercambistas com foco na educação, uma vez observada a maior valorização da pesquisa no exterior se comparada a nacional. A presente revisão bibliográfica tem como objetivo explicitar as dificuldades de adaptação de um intercambista ocidental no oriente, desde os abismos culturais até a necessidade de aprendizado da nova língua, prevendo maneiras de evitá-las no pré-embarque.

Palavras chave: Economia. Intercambio. Cultura.

1 INTRODUÇÃO

O intercâmbio é atividade em crescimento, proporcionando evolução pessoal em ambiente desconhecido. Proporciona também a experiência para ambas as partes, tanto para a pessoa que conhece outra realidade quanto para quem recebe o intercambista. De acordo com dados da UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization), cerca de 2,7 milhões dos 100 milhões de estudantes de ensino superior do mundo estão matriculados em países que não sejam o seu país de origem, e a previsão para 2025 é que esse número alcance os oito milhões de estudantes em inserção internacional.

A emigração de brasileiros para outros países acarreta um encadeamento de inúmeros desafios para a maioria que decide viver fora do

Luana Fernandes, Bacharel em Relações Internacionais.
Leonardo Mèrcher, Prof. Dr. em Ciência Política pela UFPR, 2016.

Brasil. A colisão cultural e seus aspectos são na verdade os fatores relevantes para a compreensão do sistema de ajustamento. As diferenças culturais imperam barreiras inestimáveis principalmente quando o intercâmbio é realizado entre regiões com abismos culturais e religiosos que influenciam mudanças de hábitos que perpetuarão em suas vidas após essa experiência. (AYCAN, 1997)

Iremos assim, trazer para o centro das discussões como as dificuldades migratórias ao oriente pode impactar diretamente à maneira como indivíduos se comportam diante do desconhecido, em outro país, com cultura completamente diferente. O artigo tem por foco, portanto, viabilizar o estudo de diferenças culturais, econômicas, religiosas e acadêmicas entre o oriente e o ocidente que podem tornar o intercâmbio inviável e não, uma passagem tranquila de troca de cultura. Relacionar as diferenças culturais entre Oriente e Ocidente às dificuldades de adaptação de intercambistas brasileiros. Analisar as principais dificuldades de intercambistas brasileiros no Oriente, diferenciar suas relevâncias no cotidiano, avaliar possíveis complicadores para a adaptação ocidental no oriente e estudar maneiras de amenizar as diferenças culturais no cotidiano do intercambista.

2 O INTERCÂMBIO

O Intercâmbio é muito mais que uma viagem de turismo, como a própria etimologia da palavra indica, significa a realização da troca, seja ela econômica, intelectual ou cultural.

Existe uma série de fatores que contribuem para essa troca de experiências, existindo também inúmeros problemas e desafios enfrentados ao se realizar uma mudança abrupta de cultura. Além de colaborar para o desenvolvimento pessoal, o turismo de intercâmbio possibilita retornos para diversas áreas do destino receptivo e está diretamente ligado a maneira como intercambista se adapta as diferenças culturais e como ele reage a possíveis adversidades do meio. De acordo com o Ministério do Turismo (2012), os campos das contribuições para os destinos se classificam em: econômico (disputa do mercado de trabalho); político (segurança nacional, relações internacionais, promoção da paz); sociocultural (consolidação da identidade

regional e nacional); e educacional (colaboração intelectual, comércio de serviços educativos, desenvolvimento de horizontes pedagógicos, melhoria da qualidade dos sistemas de ensino).

2.1 BRASIL E O INTERCÂMBIO

Desde a colonização do continente americano acreditava-se na realização de uma vida melhor a partir da oferta de recursos disponibilizados fora do país de origem. Acreditava-se ainda, na busca ao El-Dolrado, o sonho, que conforme a lenda, era uma cidade perdida feita a ouro, onde existiam tesouros e coisas maravilhosas. Logo, após o encontro de um futuro promissor regressava-se a sua terra natal com a vitória, visto que, o retorno é, segundo Sayad (2000) um estado típico dos imigrantes.

Conforme o passar dos anos, não muito diferente do período colonial, as pessoas consideravam os países desenvolvidos um lugar melhor, marcando assim, pela sociedade a ideia de troca nesses países, o intercâmbio, seja cultural, econômico, culinário ou com finalidades diversas. Nessa busca, objetivava-se a melhora financeira, acadêmica ou mesmo aprender uma cultura diferente, contudo, nem tudo era como o esperado.

A Necessidade em ofertar um diferencial ao mercado de trabalho em meio a crise econômica dos últimos anos fez o mercado responsável pela comercialização de pacotes de intercâmbio se profissionalizar e crescer, de modo considerável em todo país. Se observarmos o mercado global, como um todo, segundo BRASIL, 2012, estamos entre o 4º e 7º países que mais emitem estudante entre os anos de 2007 e 2009.

De acordo ainda, como o mesmo autor, há também uma estratégia a fim de, em contrapartida, aumentar o fluxo de turismo receptivo no país, ou seja, a entrada de intercambistas. O crescimento dessa recepção para turistas que objetivam estudos e intercâmbio tem sido superior à média da economia nacional fazendo com que, mesmo com a cadeia produtiva em desenvolvimento, se comparada a outros países, o avanço seja significativo.

2.2 A ESCOLHA PELO ORIENTE

O Brasil nas últimas décadas, de acordo com World Economic and Social Survey – 2004 da ONU, tem se tornado uns dos maiores países emigrantes. Segundo os cálculos do Ministério das Relações exteriores, inicialmente, a emigração brasileira ocorreu com destaque maior para o Paraguai, logo após, para os países do Norte do hemisfério, sobretudo os Estados Unidos e, de forma menor, em alguns países europeus; finalmente, merece destaque a emigração para o Japão, sendo ele o terceiro em colocação para maior concentração de brasileiros. Muitos deles considerados dekasseguis de acordo com GALIMBERTTI (2002).

Watsuji, 1998, enfatiza ainda a arquitetura japonesa com a finalidade de diferenciar as casas japonesas das casas europeias. A casa japonesa delimita as noções de uchi (dentro) e soto (fora), mantendo assim, o interior - espaço ocupado pela família – completamente isolado do mundo exterior. Cultivou-se ainda o hábito de manter os sapatos na área externa, evitando que o uchi fosse contaminado pelo soto. Completamente oposta, a casa europeia não dividia os mundos, confundindo, inaceitavelmente, as duas esferas no ponto de vista japonês.

Outro motivo pela preferência ao Oriente, se caracteriza por sua forte e crescente economia mundial. Como podemos ver, no BRICS, onde a Índia e a China fazem parte, sendo eles demograficamente os dois países mais populosos. A China por exemplo, representa sozinha mais de um quinto da população mundial. O Brics referente a Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, que se destacaram no cenário mundial pelo rápido crescimento das suas economias em desenvolvimento.

A inserção dos BRICS a partir da oitava década do século XX na economia mundial foi diferenciada. A Índia aprofundou-se no capitalismo de Estado, o que, combinado a um planejamento extensivo, foi responsável por décadas de crescimento reduzido e de baixa modernização. Mas foi a China, com as mudanças da era Deng Xiao-Ping, quem despertou a “grande transformação” na divisão mundial do trabalho com uma ligeira reconfiguração na geografia mundial dos investimentos diretos. (ALMEIDA, 2009)

2.2.1 Dificuldades e Obstáculos a ser Vencidos no Oriente

O fascínio e a necessidade de vivenciar uma experiência cultural no exterior é uma atividade que acompanha diretamente a abertura e a integração dos países em um processo, que hoje conhecemos como globalização. A globalização que ocasionou, e foi ocasionada por uma convergência de influências de interesse social e econômico que estão conectadas ao comprometimento, valores, desafios e oportunidades, proporcionados por ela (MARQUARDT; BERGER, 2003).

O primeiro ponto da cultura oriental a ser observado é a tão celebrada ética da educação e do trabalho firmados durante a segunda metade do século XIX segundo Mita, 1992 e colaborando na conquista de Okinawa, Hokkaido, Coreia e Taiwan. Os povos dominados trabalhavam para abastecer o mercado japonês, estudavam em escolas japonesas para anular seus hábitos “bárbaros”, tornando-se dignos de pertencer ao “Grande Império Japonês” (Oguma, 1998).

2.2.2 Dificuldades Culturais

As diferenças culturais e seus adendos são, definitivamente o maior abismo para o entendimento de toda essa dificuldade de adaptação dos imigrantes com os costumes orientais, tanto alimentares, quanto religiosos e políticos implicando numa necessidade de adaptação gigantesca que, a princípio é momentânea, mas que, em raras ocasiões não se torna definitiva. (AYCAN, 1997).

Tal processo, segundo BLACK, 1991, acontece de acordo com a proximidade cultural entre a cidade natal do intercambista e seu local de destino, sendo sua adaptabilidade essencial para o sucesso do relacionamento entre pessoas de países e culturas distintas.

Guiguet e Silva (2003) tem o conceito de cultura como a expressão de características de um coletivo, os diferenciando dos demais, seja no campo das artes, educação, ciência ou valores. Tais princípios, tidos como cultura, segundo BEAMER, 2000, norteiam todo um cotidiano interpessoal indicando como as pessoas agem desde as percepções, pensamentos, ações e relações

com o meio – o que dificulta, na maioria das vezes a aceitação de novos valores, muitas vezes opostos aos natais.

Segundo Cucho (1996), a cultura direciona um esquema inconsciente para todas as atividades da vida do indivíduo e, para que seja possível a convivência harmoniosa numa nova cultura, - assim como citado por BEAMER, 2000, é necessário que exista o conhecimento e a aceitação mútua de novos valores. Um fator de grande diferença cultural é o idioma, independentemente do país ao redor do mundo, serão praticados idiomas diversos do seu idioma nativo. De acordo com Ethnologue: languages of the world existem mais de 7097 linguagens ditas como “vivas” no mundo – oficiais de algum país. Segundo Guiguet e Silva, 2003, a compreensão cultural é essencial para o êxito do relacionamento entre pessoas de diferentes países.

2.2.3 Culinária

Os hábitos alimentares Chineses influenciam consideravelmente, há mais de 4 mil anos, cozinhas de todo o oriente e, há pouco também tem presença marcante no costume ocidental, assim como a originalidade da cozinha japonesa e de muitos países do Sudeste asiático. Os alimentos fundamentais para a maior parte da população chinesa são a massa, o arroz, o milho, grão e batata facilitando a adaptação dos intercambistas ocidentais. (PEREIRA, 2009).

Como âmbito da cozinha oriental no mundo, temos a tradição milenar do Japão, onde se cumpre no âmago do japonês: o espírito de samurai, o patriotismo, sempre a cultivar a honestidade para não desonrar a sua família.

O Japão, muito comparado a cozinhas mundialmente conhecidas como a chinesa e a francesa, é um dos países que mais se dedicam à apresentação das refeições, sempre com muita criatividade, sua comida cheia de cores, texturas e muita delicadeza cerca do seu preparo. Enquanto as cozinhas chinesas e francesas buscam desenvolver a mistura de ingredientes de forma harmônica na composição de seus pratos, a japonesa mantém as propriedades intrínsecas de cada ingrediente (FRANCO, 2001).

2.2.4 Saúde

Os cuidados e práticas de saúde atuais do mundo ocidental, de acordo com Collière (1989), Stanhope (1999), são efeitos das práticas de milhares de anos. Essa construção milenar surge nas atuais representações dos cuidados da saúde. Por necessidade e de uma forma simples, a sociedade procurava as causas e fatores das doenças que os poderiam afetar. Entretanto, sendo ineficiente tal intervenção, pois associavam tais eventos a causas sobrenaturais, justificado por crenças, lendas, ritos mágicos e mitos. (PEREIRA,2009)

2.2.5 Diferenças Religiosas

Outro ponto controverso para a adaptação Ocidental é a Religião. Alguns países do oriente, como a China, abrigam crenças tradicionais como a valorização do Confucionismo, do Taoísmo, do Budismo, da Mitologia chinesa e de outros usos e costumes como superstições e práticas tradicionais. O culto aos antepassados é considerado fundamental e a mola-mestra é a base para a construção do Sistema Jurídico chinês desse modo, a cultura chinesa não é ditada pelo Direito e segue, por sua vez, uma evolução própria, integrando o Sistema Jurídico tradicional a uma concepção filosófica que enfatiza o Confucionismo e é influenciado pelos pensamentos jurídicos, tanto do lado confucionista, quanto do legal. (NETO, 2016)

O Japão por exemplo, que influenciou o ocidente com dieta alimentar, e também com seu estilo de vida zen, crenças e pensamentos, que estão relacionadas ao xintoísmo e ao budismo, que são religiões as mais distintas desse país. (MOTTA, 2006)

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um fator considerável para um bom ajustamento, de acordo com Lee (2005), é a satisfação do expatriado em relação ao seu trabalho, acompanhado pela aptidão de socialização com a cultura local. A amostra dos estudos, ainda que desenvolvido para expatriados, é igualmente aplicável ao estudo de

intercambistas, sabendo que este conjunto está exposto as mesmas adversidades.

Segundo Sabben (2017), a forma como a sociedade está familiarizada a receber estrangeiros; o nível de incentivo do intercambista em relação à viagem; os traços de sua personalidade, os motivos que o levaram a realizar o intercâmbio; como os familiares, amigos e conhecidos se relacionam com ele ao longo do processo e os procedimentos utilizados pelo indivíduo para sua socialização são elementos a serem considerados no processo de adaptação de intercambistas.

Um modelo de ajustamento, proposto por Black, Mendenhall e Oddou (1991), refere-se a cinco dimensões, que constituem todo o processo. Sendo eles: treinamento e orientação previamente ao embarque; experiência antecipada no exterior; competências individuais; mecanismo de seleção organizacional e fatores externos.

Como exposto em todo conteúdo acima, pode-se observar um crescente na imigração de brasileiros, tendo favorecendo o mercado nacional de viagens com interesse notável no oriente como destino.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, O papel dos Brics na economia mundial, In: Cebri-Icône-Embaixada Britânica Brasília: Comércio e Negociações Internacionais para Jornalistas, Rio de Janeiro, 2009, p. 57-65.

AYCAN, Z. Expatriate adjustments as a multifaceted phenomenon: individual and organizational level predictors. *The International Journal of Human Resource Management*, v. 8, n. 4, p. 434-456, 1997.

BEAMER, L. Finding a Way to Teach Cultural Dimensions. *Business Communication Quarterly*, v. 63, n. 3, p. 111-118, 2000.

BLACK, S.J.; GREGERSEN, H.B. The Right Way to Manage Expats. *Harvard Business Review*, v.77, n. 2, p.52-59, 1999.

BLACK, J.S.; MENDENHALL, M.; ODDOU, G.R. Towards a comprehensive model of international adjustment: An integration of multiple theoretical perspectives. *Academy of Management Review*, v.16, n.2, p. 291- 317, 1991.

BRASIL. Ministério do Turismo. Turismo de Estudos e Intercâmbio: orientações básicas. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_de_Estudos_e_Intercxmbio_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf> . Acesso em: 05/11/2018.

COLLIÉRE, M. F.(1989) Promover a Vida. Educa, Lisboa.

CUSHE, D. La notion de culture dans les sciences sociales. Paris: Éditions la Découvert, 1996.

FRANCO, Ariovaldo. De caçador a gourmet: uma história da gastronomia. 2 ed. rev. São Paulo: Senac, 2001.

GALIMBERTI, P. O caminho que o dekassegui sonhou: cultura e subjetividade no movimento dekassegui. São Paulo: EDUC/FAPSP; Ed. UEL, 2002.

GUIGUET, J. M. S; SILVA, J. R. G. O Processo de Adaptação dos Expatriados e a Importância Relativa dos Aspectos Socioculturais. In XXVII ENANPAD, 2003, Atibaia. Anais Eletrônicos... Atibaia – RJ, 2003.

LEE, H.W; LIU, C.H. Determinants of the Adjustment of Expatriate Managers to Foreign Countries: An Empirical Study. International Journal of Management, v. 23, n. 2, p. 302-311, 2006.

MARQUARDT, M.; BERGER, O. N. The Future: Globalization and New Roles for HRD. Advances in Developing Human Resources, p. 280-295, 2003.

MOTTA, Gastronomia e culinária japonesa: das tradições às proposições atuais (inclusivas). Revista Cesumar - Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, V. 11, nº 1, pp. 41-57, jan./jun.2006.

NETO, Antonio Augusto M. De Campos, *O Confucionismo, Budismo, Taoismo e Cristianismo. O Direito chinês*. 2016, 28f. Trabalho de conclusão de curso – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1934.

OGUMA, Eiji. (1998), *Nihonjin no kyo -kai*. Tóquio, Shin'yosha.

ONU – DEPARTMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS. World Economic and Social Survey – 2004.

PEREIRA, Maria Adelaide, *A Comunidade chinesa imigrante em Portugal e os cuidados de saúde*, 2009, 195f, Dissertação de Tese, Universidade Aberta, Lisboa, 2008.

SAYAD, A. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Edusp, 1998.

SEBBEN, A. S. Um estudo exploratório sobre o intercâmbio cultural com a contribuição da psicologia intercultural e da educação intercultural. 2001. 143f.

Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

STANHOPE, M; LANCASTER (1999) Enfermagem Comunitária: Promoção da Saúde de grupos, famílias e indivíduos. Loures: Lusociência.

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. Disponível em < <http://www.unesco.org/new/en/>>. Acesso em: 10/11/2018.

WATSUJI, Tetsuro -. (1988), Climate and culture: a philosophical study. Trad. Geoffrey Bownas. Nova York, Greenwood Press.